

**ANDRÉ  
SOUSA**



Chiado 8 – Arte Contemporânea, inaugurado em Janeiro de 2002, é um projecto da Companhia de Seguros Fidelidade Mundial que, aproveitando a localização privilegiada de um dos seus edifícios centrais, decidiu participar nas iniciativas de reabilitação do Chiado através da criação de um espaço de divulgação da arte contemporânea.

**Projecto de Exposições (2006-2008)**

Miguel Wandschneider (Culturgest)

**Coordenação**

Miguel Wandschneider (Culturgest)

Gabinete de Comunicação e Imagem (Fidelidade Mundial)

**Curador**

Ricardo Nicolau

**Coordenação de produção e de montagem**

António Sequeira Lopes (Culturgest)

**Montagem**

Fernando Teixeira

Maria Soares

André Lemos

**Carpintaria**

PREFORMA – Projectos e Exposições, Lda.

**Catálogo****Texto**

Ricardo Nicolau

**Imagens**

André Sousa

**Desenho**

Pedro Falcão

**Proporção**

[A5] – 14,85 x 21 cm

**Tipo de letra**

Akkurat

**Coordenação editorial**

Rosário Sousa Machado (Culturgest)

**Revisão de provas**

am edições / antónio alves martins

**Impressão e acabamento**

Gráfica Maiadouro

**Tiragem**

1000 exemplares

**ISBN**

978-972-769-045-9

# Império



Estão hoje sob suspeita quaisquer tentativas de reconstrução da personalidade de um autor através da sua obra; o contrário também se aplica. Nada contra. Mas estas desconfianças, apesar de legítimas, têm conduzido a um talvez excessivo pudor em avançar, sempre que se fala de um artista e do seu trabalho, com dados biográficos – que não têm porque ser fetichistas, irrelevantes ou anedóticos.

André Sousa (n. Porto, 1980) tem 27 anos e cresceu e estudou no Porto. Não me parece que estes dados sejam absolutamente fundamentais, mas estão longe de ser acessórios. Esta é uma cidade eminentemente industrial que, como muitas outras, tem vindo a ver a sua economia estrangulada por forças relacionadas com o capitalismo global. Nos últimos anos, em parte devido à construção de infra-estruturas (muitas delas ligadas a meios de transporte colectivos, nomeadamente do Metropolitano), pareceu-se com um enorme estaleiro. Por outro lado, como segunda cidade do país e tendo em conta a sua relativamente pequena escala, o Porto também é conhecido pela quantidade considerável de edifícios icónicos de arquitectura modernista e contemporânea – o mais recente é a Casa da Música, autêntico meteoro *high-fi*, logótipo do cosmopolitismo caído em terreno contrastante. O resultado é singular: coexistem, às vezes lado a lado, signos de urbanidade, de contemporaneidade, e sinais de ruralidade, de anacronismo. André Sousa é fascinado por estas convivências e contradições, tendo-se dedicado, nos últimos anos, a registar as soluções, às vezes muito engenhosas, derivadas das múltiplas obras que ocupam e formatam o espaço urbano: tapumes, passadiços, sinais de alerta, reservas de cobijados lugares de estacionamento. Também tem fotografado de forma quase obsessiva a introdução nas cidades de marcas de urbanidade relacionadas com a ideia de uma sua especificidade, desde *graffitis* e mensagens mais ou menos passionais escritas por adolescentes a formas amadoras de publicidade. Interessam-lhe as traduções, as adaptações destas formas, oriundas de grandes metrópoles, a contextos mais ou menos periféricos. Como lhe interessam quaisquer signos que liguem cultura urbana e cultura juvenil, duas invenções que hoje quase não se distinguem e que se agudizaram e internacionalizaram definitivamente nas duas últimas décadas, justamente as que formaram André Sousa.

O Porto também é reconhecido, falando agora especificamente do contexto artístico, como o local onde existem mais projectos que impliquem um espírito colectivo. Exploram-se estruturas em formas de grupos, equipas e outros tipos de colaboração, que se pretendem como alternativa aos discursos hegemónicos e aos canais de produção e difusão mais convencionais. São vários os espaços geridos pelos próprios artistas – e juntar-se aos amigos é tanto uma opção como uma necessidade, numa cidade em que são muito escassas as estruturas institucionais de média e pequena escala onde apresentar trabalho. André Sousa está ligado a várias destas formas cooperativas de trabalhar. Esteve, por exemplo, na origem do PÊSSEGOpráSEMANA, espaço onde se fazem exposições, mas também – principalmente, porventura –, de camaradagem artística, de improvisações, de partilha de escolhas musicais, de bebedeiras; um espaço que sempre se quis catalisador de novas formas de expressão e de experiência social; onde é criado um espírito utópico, ainda que por poucas horas. O artista também é responsável pela gestão de um espaço chamado MAD WOMAN IN THE ATTIC, que é o sótão da sua própria casa. Os artistas convidados a expor criam obras para aquele local específico, bem como um múltiplo inédito. Eles e o anfitrião são responsáveis pela produção e divulgação do evento, criando *flyers* e redigindo comunicados de imprensa. Esta necessidade de trabalhar em conjunto, inevitavelmente relacionada com modelos de auto-organização e de auto-administração, associados a tomadas de decisão eminentemente curatoriais, tem repercussões no trabalho de vários artistas, nomeadamente no de André Sousa. Estas experiências têm contribuído para pontuar a sua obra de inúmeras e variadas colaborações, tendo-lhe permitido diagnosticar as transformações, às vezes radicais, que diferentes dispositivos de exposição, bem como distintos contextos e canais de divulgação, podem operar nas obras dos artistas. Resultado: o seu trabalho nunca é apenas o seu trabalho, mas passa por uma extrema atenção ao *display*, aos protocolos de exibição, aos títulos, à forma como as exposições são divulgadas, às imagens que as publicitam. Quanto às colaborações, elas têm passado por trabalhar com outros artistas visuais, com *designers*, com músicos, com *performers*, com familiares e, inclusive, com artistas de rua. *Império*, o projecto de André Sousa para o espaço Chiado 8, a sua primeira exposição em Lisboa, articula várias das premissas que têm estado na origem dos seus projectos anteriores. Inclui vídeo, pintura, fotografia, escultura e desenho, confluindo na criação de um dispositivo global que não mascara o espaço mas que tira partido da sua estrutura física, das suas reais dimensões, do facto de ser constituído







por duas salas separadas por um corredor, da sua permeabilidade em relação a um espaço empresarial e burocratizado. Em termos estritamente iconográficos, mas também de processo, relaciona-se uma vez mais com as culturas juvenil e urbana. Existem referências a *graffiti*, pinturas e escritos murais, espaços e objectos relacionados com obras, com estaleiros. Tudo tem um aspecto mais ou menos precário, mais ou menos mal feito. Ao artista interessa explorar a energia juvenil, o lado amador do faça-você-mesmo. Por isso emprega frequentemente signos que associamos a ideias feitas de contracultura, de *underground*, de boémio, de *neo-punk*. São várias as referências, tudo misturado, a movimentos e atitudes anti-sistema, a políticas eminentemente anárquicas, ao infantilismo e à energia imberbe associados a determinadas subculturas, como as dos *skaters*, dos surfistas, dos fãs, dos *groupies*. Há uma tentativa de recuperar a ideia de intensidade ligada à vulnerabilidade de quem enfrenta algo com afã, mais do que a segurança de quem domina um suporte ou controla na perfeição um determinado instrumento – como se a entrega, a vontade, fossem tão importantes que pudessem equilibrar a falta de formação e o défice de perícia. Também existem frequentes, por vezes muito subtis, referências à história da arte e a outros artistas. Como de projecto para projecto, de exposição para exposição, se vão encontrando piscadelas de olho ao seu próprio trabalho – até porque André Sousa segue normalmente vários trilhos ao mesmo tempo, colocando em confronto trabalhos antigos e trabalhos inéditos.

Estas relações com a história da arte e com determinados movimentos culturais levantam imediatamente duas questões: não existirá no seu trabalho uma fetichização de uma espécie de radicalismo perdido? Não ocorrerá num simples *flirt* asséptico com o que já foi contaminado e sujo, quando, só para falar das culturas juvenis, a sua desintegração foi decretada tão precocemente, no final dos anos de 1960, no trágico acidente de Altamont ou nos assassinatos perpetrados por Charles Manson? Não creio. A mistura, às vezes devota, que André Sousa faz de ícones culturais, de figuras históricas, de ícones de determinados movimentos sociais e políticos é claro que implica certezas perdidas – afinal de contas, talvez seja o seu falhanço a prevalecer, a destacar-se de tudo o resto –, mas também lhe serve, em termos que implicam processos mais do que iconografia, para ser apaixonado e reivindicar a possibilidade de errar. Numa altura em que as escolas de arte parecem criar cada vez mais burocratas da arte – artistas que fazem leituras dóceis, correctas dos seus antecessores –, é interessante verificar que a devoção por outros artistas e por movimentos culturais se pode traduzir numa tentativa de preservar energias, em possibilidades de tentar, e nem sempre em resultados.

Voltando à exposição, o espaço Chiado 8 tem o aspecto de uma exposição colectiva, se atendermos à diversidade dos *media* e à multiplicidade de estilos. Como se o artista se tivesse dedicado a agrupar e a exhibir obras alheias, ou as tivesse integrado no seu trabalho. Não é o caso. André Sousa quase sempre encontra formas de mostrar tão importantes como os objectos a mostrar, colocando-nos num determinado estado de consciência que nos deixe permeáveis a associações – e isto é muito importante, claro, para quem recorre a uma grande quantidade de apropriações e maneja uma série de referências. Nalguns aspectos, quase todos os objectos partilham características: no défice de elegância formal, no desafio a quaisquer noções de gosto, na forma como o seu autor pareceu estar-se nas tintas para a técnica e na eleição de materiais, que estão no mundo quotidiano, ainda impregnados de significados. Estes materiais são quase sempre ambíguos, podendo ser simultaneamente símbolo e matéria-prima: desde garrafas de cerveja, a matérias de construção, tábuas, sinais de trânsito. Por outro lado, André Sousa parece muito interessado em coisas que parecem cultural e socialmente redundantes, como a pronúncia do Norte, o homem-aranha ou as tartarugas ninja, que mistura com referências menos populares. E são estas referências que, apesar das exposições de André Sousa evocarem o protocolo da exposição colectiva, acabam por denunciar no seu trabalho uma noção enviesada de auto-retrato. Sem ser uma forma de exibicionismo, há na obra deste artista uma espécie de qualidade «conversacional»: quase podemos ter um diálogo com ele, visto que nos vai apresentando o que o inspirou e inspira, quais os seus ídolos, as suas referências. Quem viu os seus últimos projectos ficou a saber que lhe interessam figuras como Daniel Johnston, Mauro Cerqueira, Daniel Clowes, João Santos, Kurt Cobain, Ângelo de Sousa, Tartarugas Ninja, João Marrucho, Raoul de Keyser, Raymond Pettibon, João Marçal, Sonic Youth e geografias óbvias como a do Porto e menos prováveis como as dos Açores.

Como numa conversa, as áreas de silêncio, as entoações, as pausas, são particularmente significantes: o artista passa muito tempo a decidir como é que as obras devem ser dispostas, convivências entre obras, títulos, a cor das paredes, pequenos elementos que à primeira vista podem parecer irrisórios ou mesmo decorativos mas que podem guiar o espectador através da exposição. Ele sabe que algo aparentemente secundário, um detalhe, uma quase repetição pode ser um motor para se tentarem encontrar relações, para se reconhecerem particularidades e conotações na notável acumulação de objectos. É claro que esta intencional acumulação, associada à grande







diversidade, vem colocar problemas que se relacionam com noções de autoria, mas numa perspectiva muito diferente da estafada questão da morte do autor. Neste caso, a dispersão prende-se com uma experiência muito fragmentada do mundo, mas que nem por isso deixa de ser menos pessoal. Seguindo Foucault, para quem a marca da originalidade de um autor se devia procurar na singularidade da sua ausência, podemos dizer que André Sousa nunca projecta uma identidade fixa, estável, mas identidades precárias, que se vão constituindo durante o processo de trabalho.

A exposição no Chiado 8 articula-se em grande medida em torno do vídeo homónimo, *Império*, onde se regista em plano fixo um edifício que já foi um dos mais altos da cidade do Porto. Alberga um centro comercial e escritórios, e corresponde, em termos arquitectónicos, a uma tradução, em pequena escala, daquilo que é entendido como o edifício corporativo e que espelha (literalmente) poder. O seu nome contém a expressão *Trade Center*. O título deste trabalho, mais do que uma referência à obra de Andy Warhol, é um irónico comentário à tradução para ponto pequeno da imagem do progresso.

O dispositivo de apresentação deste vídeo é oposto ao minimalismo elegante da maioria dos espaços artísticos. Ele é visto desde um passadiço construído dentro da sala, que lembra as construções efémeras que se podem ver junto a obras. Esta passagem relaciona-se directamente com uma série de esculturas que replicam, de certa forma, os objectos que marcam e reservam territórios dentro das cidades, nomeadamente os já referidos lugares de estacionamento. Mostram-se ainda fotografias, desenhos e pinturas que, embora objectos autonomizáveis, também contribuem para criar um determinado ambiente. A verdade é que os elementos arquitectónicos de um determinado espaço são sempre utilizados por André Sousa da mesma forma como pensa a composição de uma sua pintura. Neste projecto não quis deixar de incorporar a arquitectura do espaço e, mais do que isso, de tirar partido das suas conotações com as ideias de corporativismo e burocracia. Este *Império* minúsculo, contraditório e sujo, também é uma burla a quaisquer sistemas de contabilidade.



André Sousa nasceu no Porto, em 1980. Vive e trabalha no Porto. Licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP), em 2003. Realizou vários projectos e exposições individuais: *Paisagens no Escuro*, PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2003); *Artist in Residence / Queiró (Daboecia Azorica) / PICO NARE* (em colaboração com Christine Fowler), PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2003); *Equador*, projecto colectivo num apartamento particular, Porto (2004); *A Verdade não Valia a Fogueira / Esculturas de Areia!* (com Miguel Carneiro), PÊSSEGOpráSEMANA (2004); *A.T.E. Vidal / Azorina Vidalii (Watson) Feer/ Vidália*, Galeria Quadrado Azul, Porto (2006); *Buh! A Sala*, Porto (2007). Participou em inúmeras exposições colectivas desde 1999, nomeadamente: *Encontro Arte Jovem*, Bienal de Chaves (2006); *Wacky-Races* (com Mauro Cerqueira), PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2006); *Em Torno, XI Quadros de Dança*, Biblioteca Almeida Garrett, Porto (2006); *Teleférico-Cais de Embarque*, Teleférico de Guimarães, Guimarães (2006); *Busca Pólos*, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra (2006); *27 Artistas, Uma Casa a Demolir*, Laboratório das Artes, Guimarães (2005); *X*, Galeria Quadrado Azul, Porto (2005); *Quando Um Minuto Se Arrasta II*, Salão Olímpico, Porto (2005); *ARANHA.MÁQUINA.GIZ*, Laboratório das Artes, Guimarães (2005); *PÊSSEGOpráSEMANA Apresenta*, Maus Hábitos, Porto (2005); *GPO31031405*, Galeria Pedro Oliveira, Porto (2005); *A Dizer*, Salão Olímpico / PÊSSEGOpráSEMANA / Oficina 201, Porto (2004); *Prémio Celpa / Vieira da Silva Artes Plásticas (Revelação)*, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Lisboa (2003); *“pág. 133”*, mostra de livros de artistas, PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2003); *Performance*, mostra de situações performativas, PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2003); *“Au revoir, Estelle”*, Galeria da Academia de Belas-Artes de Cracóvia, Polónia (2002); *KuratorenSchule (New Guest)*, projecto de Daniel Schürer, Galeria Hans Steger, Zeulenroda, Alemanha (2002); *Documentos de Kassel, Berlim e Zeulenroda*, PÊSSEGOpráSEMANA, Porto (2002); *Ancoragem*, Galeria Glória Vaz, Felgueiras (2001); *“...representa; acções!”*, Casa dos Crivos, Braga (2000); *[Alquimias do Pensamento das Artes] tempo de afirmação para novos criadores*, Coimbra (2000); *ARCA d'ARTE – Encontro Europeu de Jovens Criadores*, Quartel do Bom Pastor, Porto (2000); *Pontos de Contacto*, circuito artístico alternativo, Porto (2000); *Sentidos Grátis 2.0*, Porto (1999). Esteve em residência no projecto *MUGATXOAN 2004*, Arteleku, Donostia-San Sebastian / Fundação Serralves, Porto (2004). Co-edita com Mauro Cerqueira o fanzine *Promoção* (desde 2006) e colabora regularmente em alguns fanzines editados por Miguel Carneiro e Marco Mendes, Porto (2004-2005). É co-responsável pelo espaço, PÊSSEGOpráSEMANA, com Mafalda Santos e Miguel Carneiro (desde Setembro de 2002), e dirige o MAD WOMAN IN THE ATTIC (desde Fevereiro de 2005). Foi co-responsável pelo espaço WASSER-BASSIN, com João Santos (Setembro de 2005-Junho de 2007).